

As práticas esportivas na orla de Vitória-ES: Um estudo entre praticantes de futevôlei e futebol

Vinicius Nogueira Gaspar¹

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: De dentro de dois grupos de práticas esportivas da orla de Vitória-ES, um de futevôlei e um de futebol, este estudo vem discutir este esporte tão presente em nossos cotidianos. A partir dos cadernos de descrição dos campos e das entrevistas, foi possível demonstrar como esses grupos se organizam, suas estratégias de manutenção ao longo do tempo e as relações entre o esporte por eles praticado e o esporte em sua forma institucionalizada. Essas observações serviram como base para respondermos a questão norteadora do estudo; é possível pensar o esporte como algo com características definitivas? Identificou-se que, se assumirmos as definições expostas em alguns estudos para o esporte, estaremos excluindo muitas das características dos grupos desta pesquisa.

The Sports Practices on the Edge of Vitoria-ES: A Study Between Football and FootVolley Players

Abstract: From within two groups of sports practices at Vitória's beachfront - one of foot volleyball and another of soccer - this paper aims to discuss this sport which is so present in our daily lives. Based on the fields and interviews' description notebooks, it was possible to demonstrate how these groups are organized, their strategy maintenance over time and the relationships between the sport practiced by them and the sport in its institutionalized form. These observations served as the basis to answer the main question of the study: Is it possible to think of sport as something with definite characteristics? It was identified that, if we assume the definitions exposed in some studies, many of the groups' characteristics from this research will be excluded.

Introdução

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla realizada entre os anos de 2013 e 2015 que, do interior de dois grupos de práticas esportivas na orla de Vitória-ES, um de futevôlei e um de futebol, vem discutir uma gama de práticas tão presente na vida moderna.

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenador da Faculdade de Educação Física Pitágoras – Linhares. E-mail: vn-gaspar@hotmail.com

Amplamente difundido em nossa sociedade, o esporte deixou de ser tratado como um tema menor pelas Ciências Sociais e começou a ser analisado com a importância de um fenômeno sociocultural que perpassa pelos diversos setores da sociedade.

As práticas esportivas viraram um fenômeno que possuem lógica própria de disseminação de suas representações simbólicas. Suas características estão diretamente ligadas ao contexto cultural, ideológico, político e social.

Bracht (1997), ao analisar esse fenômeno, diz que, após seu surgimento, o esporte tornou-se expressão hegemônica no contexto das práticas corporais de movimento. Essa hegemonia afirmada nos atenta à necessidade de observação deste não exclusivamente como uma forma de atividade regulamentada, pautada por balizadores de realização e com motivações unitárias. É plausível que, com tamanho apelo, diferentes sujeitos possuam motivações diversificadas para suas práticas esportivas.

Apesar disso, Stigger (2002), ao analisar a produção científica da área, aponta como principais teorizações acerca do esporte as teorias que o atribuem apenas virtudes, de uma forma ingênua e descontextualizada, e as que o interpretam apenas como resultados do processo de industrialização da sociedade, da dominação do capital e da ideologia dominante.

É preciso, então, atenção científica a algo tão presente em nosso cotidiano e é nesse viés que este estudo se insere; o caminho escolhido não foi apenas o de uma análise amparada em observações macros dos fenômenos sociais. As escolhas metodológicas e as dinâmicas dos contextos pesquisados traçaram um caminho de imersão nos grupos escolhidos.

Durante os acontecimentos da realidade empírica e a partir das análises apresentadas, a pesquisa objetivou elucidar as seguintes questões; é possível que se assumo o esporte como algo com características definitivas? As diferentes facetas em que o esporte se apresenta na sociedade carregam o mesmo conjunto de sentidos e significados aos sujeitos que nele se inserem? Ao aproximarmos dessas respostas, estamos também compreendendo que esporte é

esse que está tão presente nos aglomerados urbanos, mas que não estão ligados diretamente às formas tradicionais clubistas e/ou institucionalizadas por órgãos reguladores.

Metodologia

Com o intuito de se inserir no universo particular que a pesquisa visa atender, um grupo de futebol e um grupo futevôlei da orla de Vitória-ES, utilizaremos uma abordagem etnográfica. Um dos precursores da etnografia, Malinowski, em seu livro *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, de 1922, detalhou uma nova forma de produzir pesquisas que passaram a buscar a compreensão das sociedades a partir da visão dos que nela vivem. Para ele, o pesquisador deve observar participando, com o intuito de se aproximar dos contextos microssociológicos e, assim, entender a relação dos sujeitos com o todo social.

A pesquisa, então, teve a possibilidade de uma investigação que submete o pesquisador ao contexto cultural que o grupo vivencia em suas atividades. Nesse sentido, estabeleceu-se uma linha procedimental; em um primeiro momento, definimos que gostaríamos de tratar de uma vertente amplamente difundida e que se constitui como presença notável na vida de grande parcela da população. A prática esportiva em grupo, em local público, que aconteça com regularidade e não esteja vinculada a nenhuma obrigatoriedade como aulas de caráter imprescindível e programas de saúde de empresas.

Para Habermas (2003), chamamos de "locais públicos" certos locais que, em contraposição as sociedades fechadas, são acessíveis a qualquer um. O que, em suma, nos permite dizer que supostamente estamos em um ambiente em que nenhuma pessoa tem restrição de acesso exclusivamente por pertencer a uma classe social financeiramente menos favorecida. Por isso, sujeitos envolvidos não teriam qualquer impedimento de ordem financeira para frequentar a prática (pagamento de entrada e/ou mensalidades). Outro fator que levamos em consideração para a escolha dos grupos foi a regularidade das práticas. Essa frequência foi

imprescindível para que existisse a possibilidade de um pesquisar por período de tempo que correspondesse às necessidades da pesquisa e que pudesse ser estendido caso aparecessem novos questionamentos. Por fim, as práticas não deveriam estar vinculadas a nenhuma atividade obrigatória para que se pudesse observar as diferentes motivações do praticar esportivo sem nenhuma ligação a necessidade de manutenção do trabalho.

Os esportes escolhidos para a pesquisa foram o futebol e o futevôlei. Segundo Caldas (1986), o futebol é visto por muitos estudiosos como uma das três maiores expressões de nosso povo, ao lado da religião católica e do samba. Já o futevôlei, dissidente das práticas de futebol na praia, de acordo com Souza e Galatti (2008), só foi criado em 1965, por praticantes que, para fugir da proibição policial de bater bola, pelada ou linha de passe na praia, resolveram jogar em uma quadra de vôlei. E ainda se encontra em estágio inicial de legitimação no imaginário esportivo social. Temos, então, dois grupos de práticas esportivas distintos. Enquanto o futebol, amplamente difundido e praticado por grande parcela da sociedade, possui vasta investigação sobre sua vertente profissional e, nos últimos anos, também é alvo de estudos que o enfocam com caráter antropológico, sociológico e histórico de suas práticas nos mais diversos ambientes e momentos, futevôlei é ainda desconhecido de grande parcela da população e possui um número reduzido de pesquisas, tanto nas esferas competitivas, de lazer e históricas.

Como estratégia de operacionalização da pesquisa, foi utilizado, prioritariamente, o diário de campo. Todos os dias após as práticas ou eventos ligados aos grupos foram feitos registros que, arquivados, serviram de referencial para a descrição estruturada e análises. Outros métodos também foram utilizados, caso das fotos que aparecem com finalidade ilustrativa no decorrer do texto e das entrevistas que amparam as observações feitas.

O Grupo Futevôlei foi o primeiro que me inseri para esta pesquisa; foram 33 dias de observações, do dia 21 de maio de 2013 ao dia 28 de outubro de 2014. Descontados os dias de

chuva em que a prática não acontecia, feriados e eventos na praia que ocupavam o espaço da quadra, tive presença constante e regular de membro ativo.

O grupo futebol foi o que me causou mais apreensão quanto à impossibilidade de uma observação com qualidade devido a uma série de acontecimentos que relatarei no prosseguimento do texto. O grupo exigiu uma dedicação maior, já que seus integrantes não possuem tanta intimidade uns com os outros, se comparado ao Grupo Futevôlei. Para conseguir as informações estive que estar mais ativo nos questionamentos do que no grupo anterior. No total, estive em 26 dias de prática e também devido às dificuldades em se arrumar novos membros frequentes, fui rapidamente tratado como um de dentro e logo estava à vontade. A descrição que o leitor encontrará nas próximas páginas é um retrato momentâneo tirado pela minha “lente”. Algumas das observações poderiam ter sido relatadas de outra forma, caso tivéssemos um observador diferente, mas julgo que obteríamos respostas semelhantes para as questões anteriormente citadas e que trataremos mais tarde no momento das análises.

Grupo Futevôlei

O grupo futevôlei ocupa uma área valorizada e movimentada na orla de Camburi. Está na areia, mas próximo ao calçadão, estrategicamente posicionado na melhor área de iluminação da praia e no local onde se pode ficar mais distante do mar, evitando, assim, que a bola molhe quando por algum motivo sai da quadra. Tem também influência determinante para a escolha desse local o fato de alguns dos participantes serem membros de um clube que se localiza logo em frente. Esse clube faz parte de um grupo de benefícios oferecidos aos que tenham atingido determinado nível na hierarquia da polícia militar.

Lá ficam guardados os materiais como rede, bolas e fitas de demarcação da quadra. Os jogos acontecem uma vez por semana, às terças feiras, e se iniciam por volta das dezenove horas, horários em que os participantes começam a chegar, montar a quadra, se arrumar e dividir

as equipes. Os mastros da rede ficam fixados constantemente; além deles, o único elemento estrutural que também fica no local, e pode ser utilizado em outros horários por qualquer grupo, é um banco de madeira para cinco pessoas. Com material simples e feito de maneira improvisada, parece ser herança de algum grupo anterior que, incomodado pela falta de conforto, o fixou no local. Nele, ficam os que estão de fora do jogo corrente, os pertences dos jogadores e o material sobressalente. A proximidade com o calçadão, que a este horário funciona como centro de possibilidades de lazer, atividade física e espaço de convivência, faz com que constantemente o grupo tenha pessoas de fora os assistindo.

No geral, são homens de 35 a 60 anos, estando, entre as exceções, dois filhos que passaram a integrar o grupo por sempre acompanharem os pais nos dias de prática. Um com catorze e outro com vinte e cinco anos. O grupo se formou em 2010, com alguns amigos que trabalhavam juntos na polícia militar e, após o expediente, se reuniam na Praça Wolghano Neto, montavam a rede em uma quadra poliesportiva e jogavam em piso de cimento um "futevôlei" com diversas adaptações nas regras, para que pudesse ser praticado onde estava sendo e por quem estava sendo. A mudança de local ocorreu no ano seguinte e de forma progressiva. Barata me conta, em nota do dia 28/09/2013:

Pra formar o grupo lá, foi complicado. Pouca gente sabia jogar e a gente foi chamando os amigos pra ir aprendendo devagar, no piso da quadra era mais fácil de aprender. Na quadra, o cara ia a primeira vez e já estava jogando, se fosse na areia não ia ser assim. Com o tempo, o pessoal foi melhorando e a gente foi tentando trazer pra areia, marcava um dia, depois voltava pra quadra, até que chegou uma hora em que o pessoal que já jogava, resolveu mudar de vez.

A fala do Barata é reveladora em diversos aspectos; em sua formatação inicial o grupo já dava sinais de como se constituiria em um momento posterior. Mesmo após alguns anos, os mecanismos de entrada no grupo parecem continuar semelhantes. É, até os dias atuais, inegável a ligação do grupo a alguns aspectos do trabalho na polícia militar do qual alguns fazem parte. Entretanto, ser policial não é um requisito, de modo que, além dos militares, o grupo possui contador, taxista, vendedor de automóveis, mergulhador, estudante e outras profissões. Com

ficou evidente na nota acima, o principal meio de entrada no grupo é ser amigo de alguém que já participe. Diversos são os casos semelhantes entre os integrantes, mas minha própria entrada é emblemática.

Definidos os aspectos básicos que norteariam minha pesquisa, comecei, então, a rastrear pela orla com olhar atento aos grupos de práticas esportivas e, sem deixar clara minha real intenção, a comentar com moradores dos bairros próximos a orla que estava a procura de um para participar. Depois, então, de algumas semanas de observação, conversas com moradores e participações em algumas práticas esportivas, fui convidado por um conhecido a frequentar de forma contínua um grupo de futevôlei em que ele estava inserido. Segundo Marcelo, o grupo me receberia muito bem. Ao ser interpelado por mim com um: *Mas eu nunca joguei isso heim!* Fui prontamente tranquilizado: *Fica tranquilo, tem outros que também estão aprendendo. A galera vai pra se divertir!* Minha preocupação se justificava. Apesar de durante a vida sempre ter “brincado” de futebol e participado de outros tantos esportes, o futevôlei era para mim uma completa novidade. Marcamos o dia, horário e local que nos encontraríamos com o grupo; no dia 21 de maio de 2013 comecei a me inserir e a participar das atividades.

No horário combinado cheguei ao local. Marcelo ainda não estava presente, mas outros participantes já se aqueciam no que mais tarde eu perceberia ser uma prática constante (uma roda de “altinho”), enquanto dois montavam a quadra. Um dos que fixava a rede, ao me avistar, prontamente me chamou: *Você que é o amigo do Marcelo? Entra na rodinha aí, fica com vergonha não. Ele falou que você viria. Deve estar chegando, já.* Foi assim que conheci o “Coronel”. Um senhor de 62 anos, coronel aposentado da polícia militar, com aspecto jovial e tom de voz alto. Fui apresentado por ele aos outros que se aqueciam e imediatamente entrei na rodinha. Ao terminar a montagem da quadra, o Coronel dividiu em dois trios os seis primeiros que chegaram. Eu estava entre eles e me coloquei a disposição de ceder minha vaga para algum participante mais antigo entrar jogando. Ideia que foi imediatamente refutada pelo grupo.

Danilo, o que ajudava na montagem da rede, foi o primeiro a me explicar algumas regras de conduta: *Aqui, se foi convidado por algum amigo e chegou antes, vai jogar primeiro. Pode ter um dia, ou quinze anos no grupo.* Estava eu, então, em um dos trios que foram divididos pelo Coronel e desde esse momento estive inserido no grupo.

Outras maneiras de entrada também acontecem, como quando uma pessoa que está assistindo pede para jogar, mas são muito menos frequentes e geralmente os que entram dessa forma tem uma rotatividade maior na frequência das práticas. Quando se é convidado por um amigo, além dos diversos significados que a prática pode ter para cada um, embute-se uma responsabilidade velada, de se estar ali porque alguém levou. Uma espécie de responsabilidade assumida, já que ele veio porque é amigo de alguém e qualquer comportamento que não seja apropriado para as normas silenciosas e não silenciosas que o grupo possui, também é um pouco de responsabilidade de quem o convidou. Essa responsabilidade acaba diminuindo na medida em que o convidado vai se tornando parte do grupo e deixa de ter uma ligação apenas individual e começa a executar as ações do grupo como de fato um de “dentro” e não apenas um convidado.

Para cada novo integrante, o grupo parece oferecer diferentes resistências. A adaptação ao conjunto de gestos e comportamentos é sempre marcada por ajustes individuais e coletivos. Em nota do dia 16/08/2013,

Em um dos momentos em que estava de fora, a conversa entre os que também estavam girou sobre compra de imóveis, bens e planejamentos de aposentadoria. Apesar de não ter nenhuma outra pessoa de fora do grupo próxima e os do jogo estarem entretidos com a prática, o tom de voz diminuiu bastante e julguei ser por minha causa.

Para mim, ter uma idade distante da média dos participantes era um dos principais fatores de dificuldade de integração, mas não o único. Senti, também, que meu desenvolvimento técnico na modalidade, apesar de no discurso de alguns integrantes do grupo aparecer como algo secundário, era determinante para que eu fosse aceito com mais facilidade. Estar adaptado às formas de jogar é determinante para uma aceitação facilitada. Outra característica que também tem importante relevância no processo de integração é a capacidade de o convidado de

aceitar brincadeiras e brincar com os outros participantes. As provocações e brincadeiras contemplavam os mais diversos assuntos como, vestimentas, histórias do passado e jogadas mal executadas, sendo esta última a forma mais recorrente. No dia 11/03/2014, após uma jogada mal executada, o Luiz, que estava do lado de fora, começou a provocar com insistência o time que tinha errado e essas provocações eram imediatamente rebatidas pelas vítimas. Um transeunte desavisado chegaria a pensar que pudesse ser uma briga, entretanto, em voz baixa, ele se virou para o banco onde eu estava e disse: *o bom desse futevôlei é isso aqui, provocar esses caras, olha a cara daquele ali nervoso* e começou a rir ao mesmo tempo em que os que estavam jogando também riam.

Outra importante característica do grupo futevôlei é intensa e variada gama de atividades realizadas em momentos fora da prática. Em um primeiro momento da observação, julguei que essas outras formas de encontro do grupo aconteciam apenas com os que possuíam alguma outra forma de contato durante a semana, como os que trabalham juntos ou possuem amizade originada de outro espaço, por exemplo. Todavia, com o passar do tempo, fui percebendo que estes momentos eram também importantes para o fortalecimento da unidade do grupo e todos que começavam a fazer parte eram convidados. Em nota do dia 04/06/2013, observo que,

Durante vários momentos da prática ouvi conversas sobre a organização de um encontro no domingo seguinte. Falava-se sobre a compra das bebidas, ter ou não comida (tema que causou divergência) e horário. Após ajudar a desmontar a rede, Palmito veio em minha direção e disse, *ouviu do encontro de domingo, né!? Não falta que vai ter um futevolezinho, o pessoal vem com a família, a gente toma uma cervejinha.*

No domingo, grande parte do grupo estava presente, as esposas e filhos se posicionavam próximos a uma tenda em que ficavam as comidas e os pertences dos que jogavam. Os jogos transcorreram da mesma forma que nos dias normais de prática, porém, com uma rivalidade menor e as conversas mais moderadas. Os que estavam do lado de fora do jogo iam à tenda e brincavam com os presentes. Com o passar do tempo e aumento do sol, os integrantes do grupo

que se colocavam a disposição para jogo diminuía. Até que, ao término de uma partida em que não tinha mais participantes esperando o próximo jogo, anunciei que ia parar de jogar por cansaço. Quando me preparava para ir embora, fui chamado pelo Coronel já com uma lata de cerveja na mão, que disse, *vai tomar uma gelada com a gente aqui.*

Além desse, outros encontros e com características diversas aconteciam nos momentos *fora da prática* do grupo. Iam de simples encontros, imediatamente após os jogos, para, como o grupo gosta de chamar, *tomar uma gelada* ou *dar uma reidratada*, a eventos programados com antecedência e que envolviam uma organização mais detalhada. Pouco antes da minha entrada no grupo, foi realizada uma viagem ao Rio de Janeiro, cidade que fica a 455 quilômetros de distância de Vitória. Evento este que se tornou uma constante anual no grupo. No espaço da entrevista destinado ao entrevistado contar alguma história do grupo que tivesse desejo, o Coronel me fala em tom de orgulho:

Pois é [...] quando começamos, um dos nossos sonhos, era jogar em Copacabana [...] organizamos uma excursão, viajamos para o Rio e levamos nossa rede [...] jogamos lá em 2011 e aí se tornou praxe, 2012, 2013, 2014 e já estamos agora em 2015, em setembro [...] iremos novamente.

Nesse sentido, o grupo existe pela prática, mas não se restringe a ela. Em alguns dias, os que estão do lado de fora apenas para conversar, ultrapassam os que estão prontos para jogar. E alguns desses possuem voz ativa no grupo, mesmo sem nunca ter jogado. Opinam nas ações, discutem as regras e lances e participam das decisões. No dia 05 de agosto de 2014 estava com o tornozelo muito inchado devido a uma torção na prática do outro grupo de pesquisa e fui apenas para ficar do lado de fora fazendo as observações. Ao conversar com Oliveira, que sempre ia, mas nunca participava do jogo, ouvi o seguinte relato:

Eu até já quis jogar isso aí, mas não tenho jeito não. Aí, eu ia vir pra cá e ia mais atrapalhar do que me divertir e ajudar o pessoal a divertir. [...] então eu venho faço tudo que todo mundo faz que é ficar nessa resenha danada aqui e pronto. Tem uns aqui que deveriam estar fazendo isso também [...] Palmitinho mesmo, no meio da partida quer parar pra fumar. Tô tentando trazer mais atletas pro meu time aqui que é ficar só na resenha. (risos)

Estar no grupo mesmo sem jogar é mais uma das maneiras de inserção no Grupo Futevôlei e demonstra que o grupo existe e se fortalece pela prática, mas não se restringe a ela.

Grupo Futebol

Neste tópico será narrada a entrada no *Grupo Futebol* e feita a descrição etnográfica do mesmo. A orla da Praia do Canto, local em que o grupo se localiza é considerada área nobre da cidade de Vitória. A quantidade de equipamentos de lazer é ainda maior do que em Camburi, local onde se encontra o *Grupo Futevôlei*. É em um desses equipamentos que quartas feiras, às 19:50, se reúne o *Grupo Futebol*. No primeiro momento o grupo se reunia em um campo de grama sintética, com boa iluminação, construído e mantido pela Secretaria de Esporte do Espírito Santo que possui arquibancada para, em média, cem pessoas.

Quinze tem boa frequência, entretanto, o jogo para ocorrer, precisa de no mínimo vinte e dois participantes. Como solução, Ademar, líder do grupo, por diversas vezes reúne os presentes e pede que tragam novos participantes que tenham interesse em frequentar com regularidade. Descrevo em nota do dia 26/02/2014:

Ao término da prática, Ademar pediu que todos se reunissem no meio do campo. Alguns já estavam saindo e tive a sensação que voltaram a contragosto. Quando todos chegaram, o Ademar pediu que os que estavam faltando comesçassem a frequentar com regularidade, ou ele cortaria do grupo. Falou que ia dar preferência aos que tinham compromisso, pois o grupo não podia correr o risco de chegar para o jogo e não ter gente suficiente. Para terminar pediu aos que estavam frequentando corretamente, que convidassem mais amigos, e ressaltou; *mas tem que ser gente tranquila, cara que vai vir aqui e não vai bagunçar nossa brincadeira*.

Três eram os mecanismos de entrada: convite de integrantes do grupo, se apresentar e pedir para jogar ou, em dias que faltavam jogadores, integrantes do grupo percorriam os entornos da praça para saber se alguém gostaria de participar.

No dia 19 de fevereiro de 2014 cheguei ao local no horário da prática e perguntei a um dos que estavam na arquibancada calçando as chuteiras se o grupo era aberto e se eu poderia jogar. O rapaz me indicou um senhor que aparentava ter por volta de quarenta a quarenta e cinco anos. Ademar, com uma lista de nomes dos que já estavam presentes na mão, pediu que

eu esperasse, perguntou se eu estava de chuteira e me falou que se completassem os vinte e dois eu ficaria no time de fora

Em minha primeira partida, fui questionado por Thomaz, um senhor que aparentava ter por volta de 40 anos e que de dentro de uma rodinha formada pelos jogadores de nossa equipe liderava a organização do time. *Você prefere jogar de quê?*, referindo-se ao posicionamento em campo que mais me agradava. Respondi que preferia jogar no meio campo ou no ataque. Thomaz não esboçou reação e continuou a montagem jogando os coletes e falando as posições para cada jogador. Ao prosseguir a arrumação da equipe, notou que não tinha ninguém que, por preferência, optasse pela lateral direita e me perguntou se eu poderia fazer a função. E em tom de brincadeira disse: *é novo, chegou agora, vai correr bastante por ali!* Após a brincadeira, enquanto eu me encaminhava para minha função no campo, se aproximou e falou; *fica tranquilo que depois a gente te troca com alguém.*

Com o início do jogo fui começando a estabelecer de forma mais efetiva meus primeiros contatos no grupo. Se antes tinha conversado com Ademar, Thomaz e outros de forma rápida, é no campo que as coisas realmente acontecem no grupo. Não demorou 5 minutos para que alguns viessem perguntar meu nome, pois era preciso se comunicar para o time se posicionar adequadamente. Em pouco tempo, foi possível ouvir meu nome gritado, fosse para pedir um passe ou para corrigir uma movimentação de marcação. Esse contato de campo é o principal elo entre os integrantes do grupo. As enormes diferenças culturais, econômicas e de formação, que aparecerão mais a frente no texto, são esquecidas pela necessidade de se portar como uma equipe para vencer o time adversário.

O grupo é formado por homens, tendo o mais novo 16 e o mais velho 58 anos. Entre os praticantes temos representante comercial, empresário, embalador de supermercado, estudante, entre outras profissões. O meio de transporte e as vestimentas utilizadas pelos praticantes já demonstram as diferenças de poder aquisitivo presentes no grupo. Enquanto alguns chegam em

carro próprio, com material esportivo novo e de grandes marcas multinacionais, outros chegam de bicicleta ou ônibus, usam material simples e até mesmo inadequado para a prática em alguns casos. Em nota do dia 26/02/2014, observei que,

Enquanto estava colocando meu meião, Felipe chegou de seu trabalho, onde atua como ajudante de açougueiro, com uma mochila, bermuda jeans, camisa de botão de manga curta e sapato que aparentava estar bem velho. Começou também a se arrumar, colocando o short e meião, mas quando foi colocar a chuteira, calçou o mesmo sapato que tinha vindo do trabalho. Perguntei de imediato, *esqueceu a chuteira?* Felipe me respondeu que na quarta feira anterior sua chuteira tinha descolado a sola. Roberto, um dos que aparentava ter maior poder aquisitivo, entrou na conversa dizendo; *Rapaz, com esse sapato aí, você não vai parar no campo.* Continuei a conversa dizendo que seria melhor jogar descalço e o Felipe me contra-argumentou na hora; *O Ademar não deixa, senão fica bagunçado.* Roberto então o pediu que esperasse que ele ia pegar uma chuteira velha que tinha no carro. Ao receber a chuteira de Roberto, Felipe agradeceu e disse, *essa é a velha?* Em claro tom de brincadeira, já que a chuteira estava em bom estado(...). Ao término da prática, Felipe foi devolver a chuteira, mas o Roberto disse que podia ficar com ele.

A grama sintética exige, para a prática, um material específico. Um tênis de solado liso faz com que a pessoa escorregue com frequência, ao passo que uma chuteira de futebol, de grama natural com travas altas, gera um desconforto no praticante. Ainda assim, uma das normas instituídas pelo Ademar, no grupo, vigora sem questionamentos. Ao conversar com Joilson, um dos praticantes que morava em um bairro periférico e trabalha como embalador de compras em um supermercado, ele me enumerou suas razões para se alinhar a norma estabelecida pelo líder do grupo. Fala do Joilson em nota do dia 02/04/2014:

Quando uns jogam descalço e outros de chuteira, fica feio né!? Sem contar que pode machucar os que estão sem chuteira com mais facilidade. Prefiro com chuteira, fica com mais cara de futebol de verdade. Quem não tem, pega emprestado com algum amigo, dividi e um monte de vezes em alguma loja, dá um jeito(...).

O gesto de companheirismo apresentado no parágrafo anterior demonstra um pouco dessa relação distante e ao mesmo tempo tão próxima dos participantes. Se os contatos extra prática, enquanto grupo, não existem, nos jogos, as posições sociais, profissões e situações financeiras dão lugar a uma nova hierarquia, pautada em valores, habilidades e convenções diferentes das situações corriqueiras do cotidiano. O fato de o Felipe estar usando uma chuteira doada pelo Roberto não impediu que em diversos lances em que eles jogavam pelo mesmo

time, um não reclamasse com o outro. Sendo o Felipe até mais enfático nas reclamações, já que no grupo é reconhecido por ser um jogador melhor.

Os aspectos que legitimam as posições ocupadas no grupo estão diretamente ligados à compreensão dos sujeitos em estabelecer uma boa convivência entre os praticantes. Ser um excelente jogador de futebol, dominador das técnicas e táticas do jogo não garante maior importância entre os sujeitos, se junto a essas características não estiverem outras, que funcionem como integradoras ou minimamente não desintegram os laços estabelecidos. Outra importante característica é uma quase completa ausência de qualquer forma de contato além dos dias de jogos. Os praticantes que já não tinham relação quando passaram a integrar o grupo, dificilmente estabelecem algum outro contato. Nenhuma ação especial, confraternização ou reunião semelhante é programada. Descrevo em nota do dia 11/06/2014 uma conversa enquanto esperava a próxima partida:

*Tínhamos perdido e estávamos do lado de fora esperando a próxima partida quando perguntei ao Pimenta se o grupo já tinha se reunido para alguma outra atividade que não o jogo. Essa conversa me pareceu oportuna já que Bernardo falava sobre o churrasco que havia participado no fim de semana anterior de outro grupo de pelada que participava. Ao me dizer que não, explicou como funcionava nessa outra pelada e o motivo pelo qual neste grupo essa mesma organização não teria sucesso; *Pô, lá os caras são sempre os mesmos todo dia, e aí tem o cara que todo jogo pega cinco reais de cada um. Se a gente conseguisse fazer o grupo que vem direto ficar maior um pouco, dava pra fazer.**

Mesmo com essa falta de outros contatos além da prática e com as dificuldades anteriormente relatadas em se preencher de forma consistente o número de pessoas mínimas para o transcorrer do jogo, nota-se no grupo uma coesão em seu núcleo duro que permite com que os jogos continuem acontecendo semana após semana mesmo com as inúmeras adversidades encontradas.

No primeiro semestre de 2014, todos os responsáveis pelos horários marcados no campo foram comunicados que o equipamento esportivo ficaria parado por aproximadamente três meses para manutenção do gramado. Os campos de grama sintética oferecem grande vantagem de manutenção se comparados aos de grama natural. Em um campo de grama natural,

são necessários cuidados como irrigação, adubo e restrição de uso. Gerando, assim, uma manutenção mais custosa e uma eficiência menor se pensarmos que o equipamento esportivo aberto ao público não poderia receber uma grande quantidade de pessoas. Os de grama sintética, ao contrário, possuem filamentos de plástico ligados a uma manta que formam uma espécie de tapete que suporta uma grande quantidade de jogos, não necessitam de acompanhamento constante e não perdem eficiência de acordo com as condições climáticas. Entretanto, sua durabilidade é de aproximadamente 4 anos e após esse período é necessário que as partes mais danificadas dos tapetes sejam trocadas. Era nesse estágio que estava o campo em que acontecem as práticas do *Grupo Futebol*. Eram constantes as reclamações dos buracos e linhas demarcatórias danificadas. Sendo assim, todos os responsáveis pelos horários marcados no campo (inclusive o da nossa) foram comunicados de que o equipamento esportivo ficaria parado por aproximadamente três meses para manutenção do gramado.

Como já anteriormente relatado, o grupo possui dificuldades em manter a prática com integrantes constantes que se submetam as normas tácitas e que criem vínculo com os demais participantes. Essa parada obrigatória exigiu ainda mais atenção por parte do Ademar para que o grupo não se desfizesse. No dia 23 de julho de 2014 Ademar comunicou que seria o último dia antes da parada para manutenção e pediu que todos ficassem atentos para que na quarta seguinte a liberação para a prática todos comparecessem normalmente. No dia 17 de setembro, primeira quarta após a liberação, oito pessoas do grupo estavam presentes no horário habitual; discutiu-se sobre a possibilidade de migrar o grupo para uma quadra de futsal que se localiza próximo ao campo, já que alguns integrantes tinham se dispersado. Ficou estabelecido que os integrantes presentes tentariam trazer mais convidados para a próxima semana e se não estivessem presentes um número mínimo para a prática no campo, o grupo migraria provisoriamente para a quadra, já que para o jogo acontecer na quadra seriam necessários menos jogadores. Na semana seguinte, estiveram presentes doze participantes e o jogo aconteceu na

quadra. Entretanto, após a prática, grande parte do grupo se mostrou insatisfeito e as conversas giraram sobre a necessidade de se voltar para o campo. A situação não me pareceu crítica a ponto de me preparar para o deslinde do grupo. Todavia, como já possuía vasta coleta de dados, pôde prosseguir normalmente com sua investigação. Como esperava, o curso natural não foi o de término do grupo, entretanto, grandes alterações e tensões surgiram a partir das mudanças que precisaram ocorrer.

Com a diminuição dos praticantes frequentes, ficou estabelecido que o grupo passaria para a quadra de forma definitiva. A argumentação de Ademar para a mudança se apoiava em um principal aspecto: a falta de empenho do restante do grupo em trazer novos membros. Quando Carlos, que começou a frequentar a convite do Thomaz, pediu a palavra para dizer que não continuaria já que tinha entrado no grupo para jogar futebol, Ademar o respondeu com outras duas questões; *Quantas pessoas você trouxe até agora? É melhor a gente continuar jogando junto na quadra ou parar de vez por não estar juntando gente o suficiente para jogar no campo?* Ademar já tinha o apoio dos que não gostariam que o grupo acabasse e sabiam das dificuldades dos últimos tempos em se conseguir pessoas que o frequentassem com regularidade. Relato o acontecimento em nota do dia 01/10/2014;

No dia 1 de outubro uma reunião entre os presentes foi definidora quanto ao local de prática do grupo. Após algumas, chegou-se a conclusão que seria necessário mudar de forma definitiva para a quadra. Apesar de alguns protestos, a medida acabou sendo acatada pela grande maioria, já que os inúmeros pedidos para que os participantes trouxessem novos praticantes não deram resultado.

A mudança do local do grupo, que antes era provisória, passou a ser então a solução que permitiu a continuidade da prática. A quadra ficava a poucos metros do campo. De estrutura simples, possuía alambrado em ferro para evitar que a bola saísse e é pouco menor que uma quadra padrão para campeonatos nacionais e internacionais da modalidade futsal.

Então, em 8 de outubro de 2014, primeiro dia em que o grupo estaria migrado de forma definitiva para a quadra, após a chegada e arrumação dos participantes, Ademar chamou a todos para uma reunião. Relato em nota do dia 08/10/2014:

Agora que estamos direto aqui temos que combinar a regra certinho pra não ter ninguém falando depois que não sabia. Combinado não sai caro! Thomaz então sugeriu que a divisão das equipes acontecesse por ordem de chegada dos participantes de maneira semelhante com a forma que já ocorria no campo. A conversa sobre as regras prosseguiu até o momento em que o Ademar pediu para tocar em um último assunto para que pudéssemos jogar. Pessoal, semana quem vem todos tragam cinco reais pra gente comprar uma bola pra quadra. Essa bola aqui já tá toda estragada e quica demais aqui. Roberto saiu no mesmo momento da rodinha e rindo gritou sabia que ia terminar em dinheiro esse conversa.

Durante os 12 meses em que estive inserido no grupo futebol, essa foi a única menção a algum gasto coletivo do grupo. Do momento em que comecei a participar, até então, utilizávamos a mesma bola. Entretanto, com a mudança de local, era preciso uma bola que se ajustasse aquela especificidade de piso e os cinco reais pedidos tinham este destino.

Sintetizando: comparações e análises

Os grupos estudados possuem semelhanças em suas formas de organização; o surgimento através de colegas de trabalho e a liderança bem definida em uma pessoa que se responsabiliza pelas decisões, tenta estabelecer os consensos e cuida da operacionalização prática, é notável. Dzhamgárov & Rumiántseva (1989) ao se referirem ao conceito de liderança, a tratam como um processo dinamizador e sintetizador dos fenômenos intragrupais. No Grupo Futevôlei este papel é ocupado pelo Coronel. A liderança, negada pelo próprio, está a ele referenciada nos discursos dos praticantes e nas ações dos envolvidos. O mesmo ocorre com o Ademar no Grupo Futebol; seu empenho para o coletivo o faz ter a palavra de comando quando necessário, mesmo que este negue esta posição quando perguntado. A espontaneidade com que esses líderes se posicionaram é mais umas das semelhanças deste aspecto entre os grupos. As posições ocupadas pelo Coronel e Ademar não foram votadas ou pensadas formalmente, tampouco, oferecem qualquer privilégio ou benefício, estão pautadas no entendimento dos integrantes do grupo de que estas pessoas, através de um conjunto de ações, facilitam e organizam o acontecimento das práticas. Além disso, os dois são remanescentes dos sujeitos que fundaram os grupos. Sobre o início do grupo futebol, o Ademar responde;

Foi assim... eu sempre gostei de organizar pelada e uns 2 anos atrás estava só trabalhando...muito tempo sem jogar um futebolzinho.. aí comecei a falar lá na firma que a gente precisava marcar uma pelada... o pessoal foi gostando da ideia...

Os dois grupos acontecem uma vez por semana e tem duração de aproximadamente uma hora. Os materiais utilizados ficam à cargo dos líderes citados e dos frequentadores mais assíduos. A eles cabem os trabalhos de guardar o material e levar para os dias de prática. O trabalho de montagem de rede e fitas demarcatórias de quadra, no caso do Grupo Futevôlei, é distribuído entre todos os praticantes, de maneira aleatória. No Grupo Futebol o Ademar se responsabiliza pela bola e pelas fichas do sorteio das equipes.

Quanto às estratégias utilizadas para manutenção ao longo do tempo, os grupos apresentam conformações bem distintas. O Grupo Futevôlei possui maior solidez quanto aos frequentadores e também exige um número menor de praticantes regulares. Se no Grupo Futebol não é possível que a prática aconteça com menos de dez pessoas, no Futevôlei, com apenas seis, os jogos ocorrem normalmente. Divido aqui as ações para essa manutenção em operacionais e indiretas. Nas operacionais, agrupo as ações que possuem única e exclusivamente a função de fazer o grupo continuar acontecendo. Nas indiretas, elenco algumas características dos grupos que, ainda que não tenham o fim exclusivo de fazer a prática se perpetuar, têm influência observável neste aspecto.

Nas operacionais temos as entradas de novos participantes nos grupos, pensando em uma rotatividade natural, que acontece por fatores extra prática como, por exemplo, mudança de cidade, alguma enfermidade, alteração no horário de trabalho e outros. A admissão de novos membros não só se torna necessária, mas, também, parte estratégica para uma manutenção do grupo em longo prazo. No Grupo Futevôlei as entradas são quase que exclusivamente através de indicação de amigos que já participam; ocorre uma espécie de *apadrinhamento* do novato pelo que o trouxe e os outros o ajudam, através de brincadeiras e conversas, a se enturmar de tal forma que não se vincule mais a imagem da pessoa a do que a convidou. Entretanto, essa rotatividade não é tão alta, já que o grupo apresenta uma boa regularidade de seus

frequentadores. No Grupo Futebol, o pedido do Ademar para trazer novos participantes, por diversos momentos, se fez necessário diante das dificuldades enfrentadas e aos momentos em que o grupo esteve próximo a acabar. Entretanto, sua indicação era sempre clara, ao dizer para trazer pessoas que não fossem para *atrapalhar a pelada*. Existe para os dois grupos um perfil desejado, ainda que não estabelecido de forma sistemática, mas que aparece recorrentemente nos discursos dos frequentadores. Perguntados sobre o que é um jogador bom e um jogador ruim para o grupo, as respostas foram semelhantes. Apareceram por diversas vezes nas entrevistas e corroboram com minhas observações falas como: *ter paciência para evitar brigas, saber o momento adequado para brincar, ser uma pessoa boa e se enturmar*. De dentro do grupo, é possível perceber que saber jogar é um facilitador, entretanto, não é determinante e aparece de forma secundária e apenas em duas entrevistas. Resposta do Ademar:

Olha, quando você fala bom assim [...] eu não falo do cara saber jogar bola não. Não adianta o cara vir aqui, driblar cem [...] fazer mil gols. Não é por isso que o cara é bom não [...] a gente vem aqui pra brincar, aqui o cara bom é o que joga tranquilo, sem picuinha, que sabe que todo mundo vai trabalhar no dia seguinte. Você já viu aqui... tem vez que o cara quer ganhar a qualquer custo.. aí a gente é obrigado a chamar a atenção... esse é o jogador ruim [...]

Outra estratégia operacional para manter o grupo em atividade é a utilização de um aplicativo de conversas para celular. Os dois grupos mantêm comunicação por este meio, sendo mais constante para o Futevôlei e em momentos específicos para o Futebol. O aplicativo facilita no convite aos praticantes faltosos e a calcular anteriormente as pessoas que poderão ou não comparecer no dia, além de funcionar como mais um espaço de sociabilidade do grupo.

As ações indiretas, a meu ver, possuem influência maior do que as operacionais, quando tratamos da manutenção e continuidade do grupo. Os grupos certamente se reorganizariam caso os líderes resolvessem não mais guardar e levar o material e inclusive já existiam antes que o aplicativo de conversas pelo celular fosse utilizado como ferramenta de comunicação. Entretanto, ter pessoas motivadas para estar no local da prática semanalmente e no horário combinado é o que faz o grupo ter continuidade ou não.

Outros fatores internos do grupo também indiretos convergem para a continuidade da prática. Estão entre eles à busca por um ambiente agradável e de camaradagem entre os praticantes, os mecanismos que garantem uma rotatividade na quadra de modo que todos joguem uma quantidade de tempo parecida e a postura agregadora dos líderes e dos participantes. Perguntado sobre quais são as estratégias utilizadas para manter o grupo em atividade, o Mergulhador responde:

[...] Rapaz, é a humildade cara. Quando o Coronel, por exemplo, que é muito humilde [...] chama as pessoas, manda mensagem para tudo mundo, ele chega aqui, arma a rede, tem a maior boa vontade, então ele faz a coisa acontecer aqui, porque ele é o cabeça daqui e é a humildade dele que faz esse grupo tá sempre unido [...]

A fala do Mergulhador indica que não só os motivadores intrínsecos se fazem presentes; existem, também, fatores extrínsecos como convite dos amigos e valorização de uma pessoa admirada ou com posição social importante.

A manutenção dessa atividade coletiva acontece, pois o sujeito que escolhe em seu momento de não-trabalho, estar dentro de uma prática constituída de uma lógica particular de significação, de alguma maneira está expressando o que é e o modo que vive. Stigger (2002), ao se deparar com a mesma observação nos três grupos de sua pesquisa (Caídos, Anônimos e Castelo), argumenta que estes sujeitos incorporam as práticas esportivas referidas no estudo, como parte de seus *estilos de vida* e para conceituar o termo, cita Giddens (1997), ao dizer que o *estilo de vida* constitui assim a *maneira de ser* de um indivíduo, que não deixa de ser influenciada pelo contexto social mais ampliado, relativo às normas de condutas e posições socioeconômicas que lhe são impostas. A maioria dos praticantes possui história de vida e situações econômica e familiar singulares. Entretanto, colocam a prática entre suas prioridades ontológicas. Entre os que podemos considerar frequentadores assíduos a taxa ausências é baixa nos dois grupos pesquisados. Fala de Ademar:

[...] eu tenho o compromisso aqui, então minha mulher já sabe que quando dá a quarta e já vou vir do trabalho direto pra cá. Às vezes fica brava porque tem algo na igreja pra ir, mas eu não abro mão não, agora assim, se tiver que trabalhar ou algo importante de família assim... aí eu falto [...]

É de se compreender que nem todos dos grupos possuem a mesma forma de relacioná-lo com os outros afazeres de seus cotidianos. Mas partindo do princípio observado de que as práticas compõe parte dos estilos de vida desses sujeitos, podemos entender o porquê de tão baixa taxa de ausência entre os frequentadores regulares.

Outra forma de interferência da prática nas outras esferas das vidas dos sujeitos, essa recorrente apenas no Grupo futevôlei, são os eventos com os membros do grupo, mas que não tenham relação direta com a prática. No grupo Futevôlei são recorrentes as reuniões em bares, churrascos com as famílias e até uma viagem anual. O grupo, então, passa a existir não só para a prática, mas, sim, como o principal espaço de sociabilidade de um coletivo em que seus participantes têm clara sensação de pertencimento. O que ocorre também, mas em menor escala, no Grupo Futebol, já que neste os encontros se resumem a uma hora por semana. De qualquer forma, estar dentro de um grupo é, em todo o momento, entrelaçar os próprios anseios e desejos individuais aos de outros sujeitos. Sobre isso, Elias (1994) diz:

Só a conscientização da autonomia relativa dos planos e ações individuais que se entrelaçam, da maneira como o indivíduo é ligado pela vida social a outros, permite uma compreensão mais profunda do próprio fato da individualidade. A coexistência de pessoas, o emaranhamento de suas intenções e planos, os laços com que se prendem mutuamente, tudo isso, muito longe de destruir a individualidade, proporciona um meio no qual ela pode desenvolver-se.

Ou seja, a busca por estar em um desses grupos é também uma busca por um espaço em que apareçam e se desenvolvam as individualidades dos sujeitos. É espaço para desenvolvimento de um novo modo de ser do indivíduo, que transborda os momentos de prática esportiva e aparecem nas diversas outras esferas de sua vida.

Entretanto, quando pensamos as estratégias de manutenção dos grupos dessa pesquisa e confrontamos com outros estudos, percebemos que não são essas organizações ou formas estruturadas de perpetuação que garantem exclusivamente uma prática. Se os grupos pesquisados por Nori (1998) nas praias de Santos utilizavam estratégias parecidas com as do Grupo Futevôlei e do Grupo Futebol, o que poderíamos dizer do Grupo Anônimos da pesquisa

do Stigger (2002) que possuía regularidade e praticantes em grande número, entretanto, sem nenhuma sistematização e/ou vínculos prévios ou posteriores entre os que se encontravam nos mesmos horários e locais para as práticas?! Não era preciso para os sujeitos, terem nenhum tipo de contato ou confirmação sobre os praticantes irem ou não. Eles apenas apareciam e a prática acontecia entre os que estavam presentes e por vezes os sujeitos se dividiam em diversos pequenos grupos. Em um outro extremo, encontramos a pesquisa do francês Loic Wacquant que apresenta um gueto norte-americano arrasado pela violência, falta de estruturas básicas e que a partir de uma academia de boxe como normas rígidas e hierarquia bem estabelecida transformava o esporte como um plano de vida para muitos dos inseridos.

Enquanto o Grupo Futebol faz pequenos ajustes operacionais, mas preserva grande parte das regras, o Grupo Futevôlei parece ter criado uma nova modalidade; suas alterações são frutos de uma menor proximidade quanto à modalidade em seu formato competitivo, mesmo os que dizem acompanhar, não conhecem os jogadores e/ou categorias principais. Conversando com os praticantes, notei que grande parte nunca tinha assistido a uma partida sem que esta fosse do próprio grupo.

No Grupo Futebol todos acompanham, mesmo que esporadicamente a modalidade que praticam. É fácil perceber, nos jogos, falas dos sujeitos referenciando jogadores ou jogadas vistas nas principais competições. Entretanto, apesar das diferenças citadas, o aspecto equilíbrio competitivo é valorizado da mesma forma nos dois grupos. Enquanto nas categorias principais, as equipes com seus jogadores e torcedores buscam uma hegemonia, nos grupos estudados, o que se têm como alvo é ter o jogo mais equilibrado possível. Bouet (1968), ao tratar da inter-relação presente no esporte, de se competir com aquele que também é companheiro, já que sem o adversário a prática ficaria impossibilitada, diz que a tensão em direção ao objetivo e a tensão em direção ao outro são recíprocas e fundadas uma sobre a outra, formando uma estrutura paradoxal que, mal compreendida na sua significação, pode parecer absurda.

Elias e Dunning (1992) tratam dessa busca pelo equilíbrio competitivo e inter-relação companheiro/adversário como um dilema de conciliação entre a excitação gerada por um processo agradável de descontrole e os dispositivos de vigilância implantados nas práticas. Se no grupo futevôlei essa busca pelo equilíbrio já estava instituída e as revisões das conformações das equipes já eram aceitas com mais naturalidade pelos praticantes, no Futebol pude acompanhar o processo que fomentou esta mudança. Quando o Grupo acontecia no campo, as divisões das equipes eram feitas de forma aleatória e duravam toda a prática, já quando o grupo teve que migrar para a quadra, alguns jogadores ficavam do lado de fora, esperando umas das equipes vencer, para assumir a posição de um dos jogadores da equipe perdedora. Ao acaso, estava criado um mecanismo de rotatividade que equilibrava as partidas sem que houvesse grandes intervenções. O único combinado é que a pessoa que estivesse do lado de fora não poderia escolher sempre a mesma para sair.

Desta forma, podemos notar que as semelhanças e diferenças apresentadas nos dois grupos estudados por essa pesquisa parecem ser uma característica das possíveis apropriações infinitas desse esporte permanentemente mutável.

Considerações finais

Após o longo caminho percorrido pela pesquisa, narrado nas páginas anteriores, busco agora apontar minhas principais observações que servem como considerações finais para este texto, mas, também, como inquietações propulsoras para buscar novos limites que não consegui ultrapassar neste estudo.

Para me apropriar do aparelho conceitual necessário para a operacionalização e análises da pesquisa, busquei diversos estudos, que percorreram trajetórias semelhantes as minhas e pude observar que ainda os que se inseriram com as mesmas estratégias, em locais com estruturas semelhantes e em grupos de faixa etária equivalente, apresentaram em suas

conclusões temas diversificados e estruturas internas particulares. Observando, mesmo que superficialmente, outros grupos que utilizavam o mesmo local que o Grupo Futevôlei e o Grupo Futebol, era possível notar claros aspectos distintivos.

Outra importante observação é que como citado, as pesquisas apontam, uma grande diversidade de motivações dos sujeitos para as práticas, além de cada indivíduo ter as suas próprias, elas não estão linearmente estabelecidas. O sujeito que indica estar no grupo prioritariamente para realizar uma atividade física, em determinada época ou momento, está altamente competitivo e realizar a atividade física se posiciona em plano secundário para suas motivações.

As diversidades de opiniões, ações e motivações encontradas nos campos e quadras dos grupos investigados, indicaram em todo momento um *esporte* novo. Não se enquadram em categorias duras e inapeláveis. O mosaico proposto por Stigger (2002) em que o autor compara o entendimento da inserção do esporte na sociedade a uma junção de peças de um quebra-cabeça, parece mesmo estar inacabado e se mostra cada vez mais inacabável, como sugeriu o autor.

Logo, como poderia definir as motivações estabelecidas pelos praticantes, se em todos os momentos, estão passíveis de alterações e novas ressignificações? Mariovet (1998) diz que temos que considerar que os sujeitos que atualmente praticam o esporte se caracterizam por uma cada vez maior heterogeneidade, o que implica novas linhas de complexidade, todas elas convergentes para a satisfação de níveis de realização por parte dos que a ele acendem, também estes com interesses diversificados.

Podemos notar que apesar de alguns casos responderem parcialmente sobre as características do esporte contemporâneo, os estudos não conseguem apresentar definições estabelecidas a esse esporte heterogêneo e mutante.

Após a pesquisa, é possível concluir que o esporte dos cotidianos urbanos está cada vez mais diverso e inspirará ainda mais atenção por parte dos pesquisadores que buscam entender as nuances das sociedades contemporâneas. As características singulares dos universos pesquisados vão ao encontro à heterogeneidade apresentada pelos estudos que percorrem caminhos semelhantes aos meus e esta diversificação aponta para uma continuidade da representatividade que o esporte possui e para o fortalecimento das infinitas apropriações que funcionam como ramificações que se entrelaçam aos cotidianos urbanos.

Referências bibliográficas

- BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução* Vitória: UFES, Centro de Educação Física e desporto, 1997.
- DZHAMGÁROV, T.; RUMIÁNTEVA, V. *Liderazgo e em deporte*. Moscou, 1989.
- ELIAS, N., DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- GIDDENS, A. *Risco, confiança e reflexividade*. IN: BECK, U.; GIDDENS, A. & LASH, S. *Modernização Reflexiva*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- HABERMAS, J. *Era das transições*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- MARIVOET, S. *Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas – O caso português no contexto europeu*, Configurações. Coimbra, 2009.
- SOUZA, G; GALATTI, L.. *Pedagogia do esporte e iniciação ao futevôlei: uma proposta didática a partir da expansão das superfícies de jogo*. *Lecturas Educación Física y Deportes* (Buenos Aires), v.13, p.1 - 1, 2008.
- STIGGER, M. *Esporte, lazer e estilos de vida um estudo etnográfico*. SP: Editora dos Autores Associados, 2002.
- WACQUANT, L. *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.